



Um homem que se fez de palavras

Arquivos pessoais do escritor **Ignácio de Loyola Brandão** dão forma ao documentário '**Não Sei Viver Sem Palavras**', dirigido por seu filho **André Brandão**, que chega ao circuito exibidor a partir do dia **30**. Página 2

‘O filme é muito caseiro, feito a poucas mãos’

Diretor André Ribeiro revela que o escritor sempre quis fazer um filme e nunca fez

AFFONSO NUNES

O escritor Ignácio de Loyola Brandão, autor de mais de 40 livros e cinco vezes vencedor do Prêmio Jabuti, ganha um documentário que chega aos cinemas em 30 de julho. “Não Sei Viver Sem Palavras”, dirigido pelo filho André Brandão — fotógrafo e cineasta —, é uma investigação pessoal sobre a vida e obra do autor nascido em Araraquara (SP) em 1936, que acumula romances, crônicas, livros infanto-juvenis, biografias, relatos de viagens e peças de teatro em seu currículo.

Ignácio, hoje com 89 anos, é nome central da literatura brasileira desde os anos 1960. É conhecido por obras como “Zero” (1975), romance experimental que foi publicado primeiro na Itália por causa da censura da ditadura militar, e “Não Verás País Nenhum” (1981), distopia que retrata uma sociedade devastada ambientalmente. Além dos cinco Jabutis (2000, 2008, 2015, 2017 e 2021), recebeu o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra em 2016 e a comenda da Ordem do Ipiranga em 2010. Seus livros foram traduzidos para inglês, alemão, italiano, espanhol, húngaro, checo e coreano.

A ideia do filme nasceu naturalmente. Durante a pandemia, quando André voltou a morar com o pai, começou a filmar o cotidiano entre eles sem pretensões maiores. Depois percebeu que aquele material poderia virar documentário. “O filme é muito caseiro, feito a poucas mãos”, resume o diretor. A produção envolveu oito entrevistas de duas a três horas cada, gravadas principalmente na casa de Ignácio, mas também em locais significativos de sua trajetória: o bairro Praça Roosevelt, onde morou dez anos após chegar em São Paulo; a biblioteca municipal; e a estação de trem de Araraquara.



O bairro paulistano Praça Roosevelt, onde Ignácio de Loyola Brandão viveu dez anos, é uma das locações do documentário



Nos arquivos do escritor o diretor André Brandão encontrou uma caixa contendo 38 rolos de filmes familiares feitos por Ignácio com uma câmera Super-8

“Além de personagem, ele filmou uma parte importante do material e o texto é inteiro dele — as entrevistas, os trechos de livros. Faz com que o filme seja também em parte dele”

ANDRÉ BRANDÃO

O que torna “Não Sei Viver Sem Palavras” particularmente rico é o material de arquivo. Ignácio mantém uma coleção meticulosamente organizada em seu escritório: caixas com envelopes contendo fotos, cartões postais, programas de peças e exposições, cada um acompanhado de anotações explicativas do próprio escritor. Mas o achado mais signifi-

cativo foram 38 rolos de Super-8 filmados por Ignácio durante os anos 1970 — imagens que incluem momentos da família, de São Paulo, de Berlim, e até do nascimento de André. Há também um conto escrito por Ignácio durante a internação da mãe de André na maternidade, intitulado “A Montanha Mágica – O Nascimento de André”, além de cartas que o escritor enviou ao filho quando este morou fora do Brasil entre 1991 e 1997. Todo esse material integra da narrativa do filme.

André enfatiza que a construção foi coletiva. Além dele, o codiretor Ricardo Carioba, o montador Moraga e os roteiristas André Collazzo e Vivian Brito contribuíram para dar forma ao material. O resultado é um documentário de 81 minutos que equilibra intimidade e distância crítica. “É um pouco uma simbiose, uma passagem de bastão”, descreve André. “Ele sempre quis fazer um filme, mas nunca fez. Neste, além de personagem, ele filmou uma parte importante do material e o texto é inteiro dele — as entrevistas, os trechos de livros. Faz com que o filme seja também em parte dele. É algo sutil mas muito forte ao mesmo tempo”, comenta.

O documentário já passou por festivais importantes: teve sua première no Festival do Rio em outubro de 2025 e foi exibido na 50ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, também em outubro.

Acordes para o futuro documental

Narrativas como 'A Noite de Alaíde', cuja diretora busca visibilidade em solo europeu, firmam os pés do documentário brasileiro numa fase de instabilidade para nosso cinema em salas



Divulgação

Híbrido de documentário com animação, 'A Noite de Alaíde' leva a música e a coragem de Alaíde Costa ao circuito

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A pesar dos mirrados números de bilheteria que assolam a produção nacional em 2026, a safra documental do país não arreda pé do circuito e segue a rondar competições em mostras de prestígio no exterior e em nosso território. Há uma semana, a artista visual brasileira Ana Vaz emplacou na competição Cineasti Del Presente, do 79º Festival de Locarno (5 a 15 de agosto) um longa-metragem de verve ensaística que flerta com os códigos do real nas telas: "Hanabi", com ecos de um terremoto no Japão, em 2011.

Na recente CineOP, em MG, produções como "Vivo 76", de Lírio Ferreira, e "Irritante Prodição", de Luiza Lindner, ampliaram seu rol de fãs nas Gerais. Em circuito, "Zico, O Samurai de Quintino", de João Wainer, fez cerca de 34 mil pagantes torcerem por um sonho rubro-negro, ao mesmo tempo em que a produção musical calcada em biografias de estrelas da nossa MPB se manteve firmes nas salas de projeção. Essa seara, que rendeu sucessos comerciais como "Vinícius" (2005), de Miguel Faria Jr., e "Raul: O Início, O Fim e O Meio" (2012), de Walter Carvalho, nunca sai do radar das redes exibidoras e se fortalece neste fim de semana com a chegada de um híbrido de .doc com animação bem cacifado no exterior: "A Noite de Alaíde", de Liliane Mutti.

Passou no desfecho do 28º Festi-



Divulgação

val du Cinéma Brésilien de Paris, em abril, e ganha telas, por aqui, agora. Ave canora, Alaíde Costa não precisa que falem por ela. Bastam alguns acordes para esse rouxinol do Méier comprovar o que fez com a canção brasileira, aveludando fraseados de lirismo puro. Por isso, "A Noite de Alaíde" dispensa as estratégias de "verbete de Wikipedia" comum a narrativas biográficas brasileiras e deixa sua protagonista soltar o que tem de mais divino: a voz.

"Esse filme tem uma longa trajetória e muita gente que pegou na nossa mão para que ele existisse. Foram muitas parcerias, desde o primeiro 'sim'. Como dizia Clarice Lispector: 'a vida começa com um sim'. O nosso veio do canal Music Box. Depois o filme foi finalmente abraçado pelo Canal Curta!, com apoio da Ancine/FSA. Em seguida vieram os nossos distribuidores para cinema. Teve a Bretz, a Zero em Comportamento e a TV Cultura, com seus arquivos e interessada na exibição. Por último, o patrocínio



Tambores da Noite

do BNDES tem nos permitido uma campanha do filme por todo o país", explica Liliane, realizadora baiana, hoje radicada em Paris, cuja obra traz as pérolas "Salut, mes ami.e.s!" (2023) - filme sobre o rito de passagem da juventude, ambientado no CIEP 449, de Niterói - e "Madeleine à Paris" (2024) - focado no performer Roberto Chaves, o Robertinho.

A sacada dela para assegurar à figura de Alaíde uma ribalta cinematográfica mais original do que o padrão da nossa não ficção foi aplicar linguagem animada a sequências

pautadas pela emoção. Ao animar situações do passado da intérprete de "Afinal", recriando fatos dos anos 1940 e 50, Liliane consolidou um exercício híbrido de expressões poéticas em movimento.

"A batalha para realizar um filme é sempre gigante e precisa muita paixão, algo quase missionário. Mas eu tenho conseguido encontrar meus pares. Teve ainda outro primeiro 'sim' para 'A Noite de Alaíde', que foi o projeto De Volta aos Sets, durante a pandemia. Fomos selecionados pela Bravi/ Brazilian Content/ Icav/ Rede Paradiso, um pool

de parceiros do cinema brasileiro que injetou ar para profissionais durante a covid-19", diz Liliane.

Depois de um longa sobre Miúcha (1937-2018), ela prepara agora um longa sobre a cantora Angela Ro Ro (1949-2025). "Esse, na real, é um meta-filme, com a Angela falando sobre a sua paixão pelo cinema, por Glauber Rocha e outros tantos baianos, como Caetano, em meio ao disco 'Transas' em Londres", explica a cineasta, que promove uma nova sessão de "A Noite de Alaíde" na França, para a Sociedade dos Autores Multimídias (SCAM), no dia 17 de setembro. "É uma quinta-feira do verão europeu, quando pretendo ter na plateia parte do público que vem para participar da Lavagem da Madeleine, que esse ano cai no 13 de setembro. A ideia com essa sessão é ampliar o filme para além do universo lusófono, atualmente entrando em cartaz no Brasil e Portugal, e falar, a partir daí, para o público francófono que ama a Bossa Nova. Vamos testar a recepção desse público. É uma ação da agência de promoção de cinemas brasileiros na Europa, a Ciné Nova Bossa, e da Capitu Sale Agence, que vai fazer o follow-up com possíveis distribuidoras. É mesmo uma ação de guerrilha promover o cinema de autora do Brasil fora e dentro do Brasil".

A leva documental do Brasil vai se estender, em nossas salas, na semana que vem, com a estreia de "Ecos Do Teatro Experimental Do Negro", de Daniel Solá Santiago. No dia 30 chega "A Fabulosa Máquina Do Tempo", de Eliza Capai, egresso da Berlinale.

'A Fabulosa Máquina do Tempo', que brilhou na Berlinale, pede passagem nas salas de exibição

Com um pé no real e outro no ensaio poético, 'Hanabi', de Ana Vaz, concorre em Locarno

ENTREVISTA | **MARCOS SANTUÁRIO**

JORNALISTA, PROFESSOR E UM DOS CURADORES DO FESTIVAL DE GRAMADO



Edison Vara/Ag. Pressphoto

‘Cada filme escolhido para Gramado representa dezenas de outros igualmente relevantes’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Com a leveza bem-humorada de um David Niven, mas de sangue gaúcho, com brasilidade na veia, Marcos Santuário tem anunciado as atrações do 54º Festival de Gramado, da semana passada para cá, com a perseverança de quem vem cartografando renovações na autoralidade nacional, nas telas, há 15 anos. Em 2012, esse jornalista e crítico de cinema de Caixas do Sul – que é editor-assistente de Cultura do diário “Correio do Povo” (RS) – foi convocado para integrar a equipe curatorial da maratona competitiva cinéfila mais popular do país. Não saiu mais do posto.

Seria uma perda inestimável se saísse. Afinal, sem a acurada visão dele, a micareta cinematográfica sulista não teria se reinventado a ponto de – só da pandemia para cá – ter revelado joias do Acre, de Goiás, do Mato Grosso do Sul, além de ter inaugurado a carreira brasileira de cults como “O Som ao Redor” (2012) e “Marte Um” (2022). Santuário entrou para a curadoria ao lado de dois titãs, ambos radicados no Infinito e na nossa saúde (Rubens Ewald Filho e José Wilker), apoiado na pujança analítica de suas resenhas (marcadas por seu delicado manuseio dos ditongos, tritongos e hiatos na arte de escrever) e também na sua aguerrida dedicação ao ensino. Leciona Produção Audiovisual e Jornalismo na Feevale, em Novo Hamburgo, onde formou cabeças a granel, sem formatar suas turmas com algoritmos. Desde que entrou para o Olimpo gramadense, Santuário

vem selecionando concorrentes ao troféu Kikito em parcerias com (outras) mentes brilhantes. Atrizes de versatilidade GG, Ana Flavia Cavalcanti e Camila Morgado hoje compõem com ele o comitê de seleção de Gramado.

Esta tarde, numa cerimônia em São Paulo, no Hotel Laghetto Stilo, será feito o anúncio das escolhas dessa trinca acerca dos longas documentais e dos curtas-metragens que estarão em disputa de 14 a 22 de agosto na serra gaúcha. No papo a seguir, Santuário explica ao Correio da Manhã os rumos que o deus-sol dos Pampas, o Kikito, iluminou em sua vida.

Como você explica a sua permanência de 15 anos na curadoria de Gramado?

Marcos Santuário - Entro em cada edição sabendo que esse não

é um lugar permanente. Desde 2012, quando José Wilker, Rubens Ewald Filho e eu fomos convidados a pensar um novo olhar para o festival, a proposta era: criar um desenho curatorial que trouxesse para perto o cinema artisticamente potente brasileiro e, ao mesmo tempo, atrair intérpretes, diretores e produtores que tivessem reconhecimento do público, da crítica e do mercado para cruzar o tapete vermelho. O festival abraçou essa ideia e, mesmo com a renovação da equipe de curadoria, ela permaneceu. Essa continuidade mostra que o modelo segue fazendo sentido para Gramado.

Qual foi o caminho que o levou até a curadoria do festival?

Nasci em Caxias do Sul, a cerca de 40 quilômetros de Gramado, e frequente aquela cidade desde criança. Depois vivi oito anos fora do Brasil, passando por 13 países latino-americanos em um movimento cultural ligado à música. No Uruguai, concluí o curso de Jornalismo e mergulhei no trabalho da Cinemateca Uruguia. Quando voltei ao Brasil, estabeleci uma atuação como jornalista cultural e crítico. O convite para integrar a curadoria veio justamente pelo olhar que eu exercia sobre o festival: reconhecer seus acertos e apontar, de forma construtiva, aquilo que poderia melhorar.

O que representa hoje a competição de documentários dentro do Festival de Gramado?

A mostra documental encon-

trou um espaço muito importante no audiovisual brasileiro. Havia o desejo antigo de separar ficção e documentário, e isso finalmente se concretizou. O Brasil produz documentários de altíssimo nível, e percebemos um crescimento constante nas inscrições de obras inéditas. Muitos filmes que chegam até nós sequer passaram pelo “É Tudo Verdade”, que é uma das maiores vitrines do setor. Isso demonstra que Gramado também passou a ser visto como uma primeira vitrine para esse tipo de produção.

Como é o desafio de selecionar apenas quatro documentários?

É uma responsabilidade enorme. Não escolhemos quatro porque os demais não tenham qualidade, mas, sim, porque o festival tem um limite de espaço. Procuramos fazer com que cada obra represente uma vertente importante da produção brasileira. Quando selecionamos filmes sobre gênero, raça, música ou povos originários, por exemplo, estamos tentando refletir a diversidade do documentário nacional... e do próprio país. Dessa forma, cada filme escolhido para Gramado representa dezenas de outros trabalhos igualmente relevantes.

Qual filme despertou em você um orgulho especial pelo cinema gaúcho?

Eu sou, de certa forma, contemporâneo do Carlos Gerbase, um grande cineasta que também é professor – assim como eu. Há um filme dele, “Tolerância”, que foi um marco para mim. Ali percebi a força da produção gaúcha, sua criatividade e capacidade de dialogar com o restante do cinema brasileiro. A partir daquele momento passei a olhar a produção do Rio Grande do Sul com muito carinho, mas sem fazer concessões regionalistas.

Gramado é, também, uma instância de celebração da memória. Qual é a tua memória mais antiga como cinéfilo? Em que sala do Rio Grande do Sul você viu seu primeiro filme?

Ainda adolescente, eu saía de Caxias do Sul para passar tardes inteiras no Cinema Cacique, em Porto Alegre. Via clássicos como “Casablanca” e “O Encouraçado Potemkin”, muitas vezes sem compreender totalmente aqueles filmes, mas já intuía que havia ali uma grandeza que eu queria aprender a entender. Essas sessões, seguidas das conversas com meu irmão durante a viagem de volta, foram decisivas para a minha formação cinéfila.

Memória viva da arte que vem do povo

Gurdião da nossa rica cultura popular, Ana Maria Carvalho apresenta ‘Cantigas do Tempo’ nesta quinta no Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

A cantora e compositora Ana Maria Carvalho sobe ao palco do Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (17), às 19h, para apresentar “Cantigas do Tempo”, um retrato sonoro das tradições populares do Maranhão. A artista carrega em seu trabalho décadas de pesquisa, vivência e transmissão das manifestações culturais que moldaram sua trajetória desde a infância.

“Nasci em Cururupu, Maranhão, numa família de agricultores que também são cantores músicos e brincantes. Nas minhas primeiras memórias estão os ensinamentos de amor e respeito à terra, as pessoas e a arte”, explicou entrevista concedida ao podcast InteligênciaPontoCom.

A carreira de Ana Maria é marcada por uma dedicação quase monástica à preservação da cultura po-



“Minha religião é a minha cultura porque nessas manifestações a gente dança, reza, toca, se alimenta, celebra o tempo todo”

ANA MARIA CARVALHO

pular brasileira. Durante mais de 30 anos, integrou o Teatro Ventoforte em São Paulo — um dos grupos mais importantes de teatro popular do país — e é cofundadora do Grupo Cupuaçu, que em 2026 completa 40 anos de atuação contínua na capital paulista, mantendo viva uma memória que poderia facilmente se dissipar nas grandes cidades.

O repertório que Ana Maria domina é vasto e específico. Bumba-meu-boi, tambor de crioula, cacuriá, ciranda, ladainhas do Espírito Santo e cantigas tradicionais são linguagens corporais, rítmicas e espirituais que ela aprendeu des-

de criança e que agora transmite através de oficinas, apresentações e projetos colaborativos. Essa expertise a levou a representar o Brasil no Festival Internacional de Teatro de Artes Cênicas de Setúbal (Portugal), em 2019.

Mesmo sendo guardiã de um patrimônio tão rico e vasto, Ana Maria não vê a cultura popular como um acervo estático, pronto e acabado. “Eu costumo falar que a minha religião é a minha cultura porque nessas manifestações a gente dança, a gente reza, a gente toca, a gente se alimenta, a gente celebra o tempo todo”, explica. Essa visão holística da

tradição se reflete em sua metodologia como educadora: ela trabalha com crianças de 3 a 100 anos, como costuma dizer, porque o brincar não tem limite de idade. “O importante na vida do ser é brincar. O brincar é que nos alimenta, o brincar nos cura, nos fortalece. Então a gente tem sempre que brincar”, ensina. “Eu tenho que me comunicar, sim, isso também é arte. A gente tá no chão junto com as pessoas, a gente toca nelas, canta com elas, olha no olho, se conecta”, descreve sua abordagem em cena.

Aos 72 anos, Ana Maria continua compondo, ensinando e se

apresentando com a mesma energia de quem descobriu sua vocação aos 60 anos, quando começou profissionalmente a viver de música. “Tenho 72 anos e faço o que eu quero. A idade não impede a gente de nada. Cantar, dançar... a gente pode tudo”, afirma.

SERVIÇO
CANTIGAS DO TEMPO - ANA MARIA CARVALHO
Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100) | 16/7, às 19h
Ingressos grátis, com retirada de ingressos com 30 minutos de antecedência

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

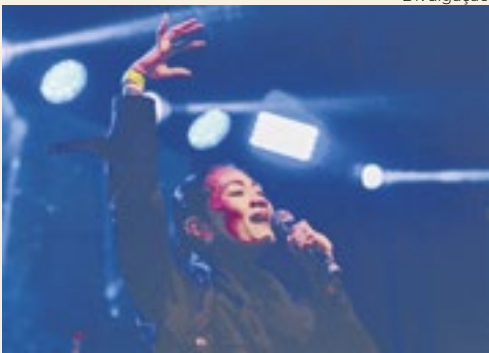
Elas mostram a sofisticação da Bossa Nova

O quarteto Bossa Delas apresenta show dedicado à Bossa Nova e à MPB nesta quinta (16), às 20h, no Blue Note Rio. Silvana Agla (voz e cello), Daniela Spielmann (sax e flauta), Sheila Zagury (piano) e Mila Schiavo (bateria) percorrem diferentes fases do gênero. A apresentação alterna momentos instrumentais que destacam as melodias sofisticadas da Bossa Nova com a expressividade vocal de Silvana Agla.



Yumi Park canta Elis e pérolas do samba-jazz

Yumi Park apresenta “Alma De Artista”, projeto que homenageia Elis Regina e celebra a Bossa Nova e o Samba-Jazz, em dois sets distintos, no Beco Das Garrafas nesta quinta (16), às 21h. Acompanhada por trio de instrumentistas, a cantora sul-coreana revive arranjos icônicos consagrados na voz de uma das maiores intérpretes brasileiras de todos os tempos.



CORREIO CULTURAL



Divulgação

Riocentro lotado durante a última Bienal do Livro Rio, em 2025

Bienal do Livro 2027 abre a venda de stands

A Bienal do Livro Rio iniciou a venda de espaços para expositores interessados em participar da sua próxima edição, em 2027. Em 2025, todos os estandes foram comercializados sete meses antes do início do evento, o que representou um recorde, reforçando o interesse do mercado editorial no evento, que recebeu mais de 740 mil visitantes, ao longo de dez dias, e vendeu 6,8 milhões de livros.

Além do marco histórico em números e de um impacto significativo de R\$ 1,18 bilhão na economia fluminense, o festival apresentou o conceito inovador de Book Park ao transformar o espaço do Riocentro, localizado na Barra Olímpica, em um grande parque literário com atrações imersivas, atividades interativas, ativações e espaços dedicados a diferentes perfis de leitores.

Caixa de Histórias na Flip

Caixa de Histórias e Brasil de Histórias ampliam programação literária da Flip 2026 em dois espaços simultâneos e transmissão pelo YouTube. Com a curadoria colaborativa da Janela Livraria, da Editora mapa lab e do Canal de Com curadoria da Janela Livraria, mapa lab e Amado Mundo, os projetos promovem dezenas de encontros gratuitos entre os dias 23 e 26 de julho, reunindo escritores, jornalistas, pesquisadores e artistas em torno da literatura e das grandes questões do Brasil contemporâneo

Viva Fagundes

Para comemorar os 60 anos de carreira do ator Antonio Fagundes, o programa Sem Censura (TV Brasil) apresenta uma edição especial nesta sexta (17), às 16h. Na homenagem, a anfitriã Cissa Guimarães recebe o premiado artista e convidados especiais para conversar com o galã.

Viva Fagundes II

A roda de conversa inédita reúne o veterano e amigos como o diretor de fotografia Walter Carvalho e a atriz Christiane Torloni, com que o ator divide o palco na peça “Dois de Nós”. Filho do astro, o ator e produtor Bruno Fagundes também marca presença no programa.

É biscoito ou bolacha?

Independente da origem cultural, o Dia Nacional do Biscoito é comemorado no dia 20 de julho. No Empório Farinha Pura, em Botafogo, a data ganha destaque com uma seleção de quase 100 variedades de biscoitos, entre opções doces e salgadas, torratinhas, grissinis e folhados produzidos diariamente na casa.



Divulgação

A pré-história da máquina de ‘moer’ gente

Montagem de ‘O Beijo no Asfalto’ mostra que as fake news não são novidade e já podiam arruinar a vida de alguém há décadas



Lucio Luna/Divulgação

Luísa Arraes e Eduardo Sterblitch dão vida aos personagens Selminha e Arandir no texto de Nelson Rodrigues encenado originalmente em 1961

A beira da morte, um homem atropelado pede um beijo a um desconhecido. Sessenta e cinco anos depois, esse gesto de compaixão continua sendo capaz de destruir uma vida — não porque a história mudou, mas porque a realidade não pára de repeti-la. “O Beijo no Asfalto”, obra-prima de Nelson Rodrigues, volta aos palcos em montagem que deixa claro que uma dramaturgia escrita em 1960 encomendada para explicar 2026.

A nova produção, dirigida por Marco André Nunes e com elenco liderado por Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes e Edson Celulari, chega ao Teatro Glauco Gill em um momento em que a discussão sobre manipulação de narrativas, julgamento público e destruição de reputações há muito não é ficção — virou rotina. A peça não precisou ser atualizada. É como se o texto de Nelson apenas estivesse esperando para ser alcançado pelo tempo.

Escrita para Fernanda Montenegro no Teatro dos Sete, a obra conta a história de Arandir, um homem comum que comete um ato de humanidade e vê sua vida desmoronar

quando a imprensa sensacionalista e a polícia transformam o beijo dado no atropelado num escândalo. O beijo de despedida naquele estranho faz eclodir uma espiral de acusações, suspeitas, condenações — tudo sem que ninguém saiba realmente o que aconteceu. A máquina de destruição de reputações funciona sozinha, alimentada por boatos, interesses e a necessidade coletiva de ter um culpado.

Quando a peça estreou em 1961, causou indignação. Críticos e público se dividiram. Alguns a viram como uma afronta moral; outros, como um retrato contundente da sociedade brasileira. A única coisa mudar é que aquilo que o sensacionalismo apresentado pelo dramaturgo acontece hoje em tempo real nas redes sociais. O repórter que distorce a verdade virou algoritmo. O linchamento moral virou trending topic. A velocidade aumentou, mas o mecanismo perverso que arruina reputações é exatamente o mesmo.

A montagem de Marco André

Nunes não moderniza o texto, deixa a peça falar por si. Com Sterblitch no papel de Arandir, Arraes como Selminha e Celulari como Aprígio — o pai de Selminha, figura central dos ressentimentos e desejos reprimidos que alimentam a tragédia —, a encenação aposta na força do elenco e do texto para colocar o espectador diante do questionamento do quão uma mentira repetida consegue destruir uma vida? “É a primeira vez em que atuo numa peça do Nelson Rodrigues. É um dramaturgo que adoro e sempre tive vontade de levar à cena uma de suas peças. É um desejo antigo sendo realizado”, comentou Celulari em entrevista ao portal NewMag.

O elenco completa-se com Nina Tomsic, André Mattos, Ernani Moraes, Vinícius Teixeira, Pedro França, Laura de Castro, Fernanda Dias, Alcides Peixe, Danilo Canindé e Quiga Camarate.

SERVIÇO

O BEIJO NO ASFALTO

Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)

De 16/7 a 3/8, de quinta a segunda-feira (20h)

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Fotos/Divulgação

Férias criativas no museu

Casa Museu Eva Klabin abre programação de inverno com seis oficinas artísticas para crianças



Com oficinas de teatro de sombras e pintura com argila e grafismos, o Férias no Museu convida crianças a experimentar diferentes formas de criação

A Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa, abre as portas para mais uma temporada de Férias no Museu a partir deste sábado (18). A programação gratuita de inverno, que segue até 2 de agosto, reúne seis oficinas artísticas pensadas

para famílias aproveitarem o período de recesso escolar. As atividades dialogam com a exposição em cartaz “Nossa América” — que aproxima arte contemporânea latino-americana do acervo arqueológico permanente da Casa — e propõem experiências relacionadas a corpo, oralidade, matéria, imagem e gesto.

As oficinas funcionam com sessões às 10h e às 15h nas quartas, quintas e sextas-feiras. Aos fins de semana, há uma única sessão às 15h. O acesso é livre, mas requer retirada de senha dez minutos antes de cada atividade, sujeita à lotação do espaço. Todas as propostas foram elaboradas pela equipe do Núcleo de Educação,

coordenada por Carlos Miguez, em conjunto com a direção artística da instituição.

A programação começa com “Histórias Indígenas no Teatro de Sombras”, indicada para crianças a partir de 3 anos. A oficina explora a relação entre corpo, luz e sombra para dar forma a personagens e narrativas baseadas

em mitos de diferentes culturas indígenas do Brasil e dos Andes. Acontece nos dias 18 de julho (sábado, 15h), 24 de julho (sexta, 15h) e 29 de julho (quarta, 10h).

“Pintura com Argila” propõe uma experiência lúdica com material ligado à terra e à ancestralidade, também para crianças a partir de 3 anos. A atividade estimula a imaginação a partir de processos manuais presentes em tradições culturais diversas. Sessões: 19 de julho (domingo, 15h), 24 de julho (sexta, 10h) e 30 de julho (quinta, 15h).

Em “Experimentos de Grafismos”, os participantes criam traços e composições inspirados em tradições ancestrais de povos originários do Brasil. A oficina, para crianças a partir de 3 anos, apresenta referências de diferentes etnias como ponto de partida. Datas: 22 de julho (quarta, 10h), 26 de julho (domingo, 15h) e 31 de julho (sexta, 15h).

“Costurando Histórias” combina contação de histórias e técnicas têxteis, indicada para crianças a partir de 5 anos. Inspirada no mito da cobra-canoa, a atividade utiliza linhas, tecidos e agulhas como ferramentas para que os participantes criem narrativas próprias. Acontece em 23 de julho (quinta, 10h), 29 de julho (quarta, 15h) e 2 de agosto (domingo, 15h).

“Animação de Seres Encantados” oferece experiência com stop motion para crianças a partir de 5 anos. Os personagens e paisagens da exposição “Nossa América” servem como inspiração para construção de pequenas animações. Sessões: 22 de julho (quarta, 15h), 25 de julho (sábado, 15h) e 31 de julho (sexta, 10h).

Fechando a programação, “Invenção de Bichos Imaginários” propõe colagem de formas geométricas para criar animais, também para crianças a partir de 5 anos. A atividade explora relações entre fauna, flora e geometria. Datas: 23 de julho (quinta, 15h), 30 de julho (quinta, 10h) e 1º de agosto (sábado, 15h).

Durante o período, o público também pode participar de visitas mediadas à Casa Museu Eva Klabin, realizadas de quarta a domingo, das 14h às 18h, com uma sessão por hora. Escolas, famílias e grupos de excursão podem agendar visitas coletivas para ampliar a experiência das oficinas com percursos pelo acervo e pela exposição.

SERVIÇO

FÉRIAS NO MUSEU

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2.480, Lagoa) De 18/7 a 2/8, de quarta a sexta (às 10h e às 15h), sábados e domingos (às 11h e 15h) Grátis, com retirada de senha 10 minutos antes de cada atividade

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Fred Soares

História e tradição da cidade resumidas num sorriso

Seu Danilo vende acarajé na calçada da Rua Riachuelo, ali perto do Bairro de Fátima. Não é ponto turístico. É calçada do Centro, com o barulho de sempre, o ônibus passando, a cidade fazendo o que a cidade faz. Mas quem passa por ele sai melhor do que chegou. Ele tem um sorriso que não cobra nada. Ser-

ve o bolinho do mesmo jeito que se recebe uma notícia boa. Demorei para entender o que me emocionava naquilo. Não era o dendê. Era perceber que o tabuleiro dele carregava a cultura de uma cidade que insiste em não abandonar as suas tradições. A Riachuelo não se chamava Riachuelo. Era a Rua de Matacavalos, nome que vinha dos atoleiros que arrebetavam com os animais na travessia. Foi ali que Machado de Assis instalou a casa de Bentinho e de Capitu. Só depois da batalha naval de 1865, contra o Paraguai, é que a rua trocou de nome e ganhou ares de vitória.

Era rua de gente rica do Império. E na frente dessas casas passavam os tabuleiros. As chamadas negras de tabuleiro aparecem em documentos brasileiros desde 1591: a referência é do historiador Luiz Mott. No fim do século XVIII, o Rio de Janeiro tinha 322 registros de barracas e vendas de quitandeiras, contra 196 tavernas e 140 mercados de fazendas, panos e sedas. O levantamento é do antropólogo Fernando Vieira de Freitas. Ou seja: enquanto a Corte se ocupava de seda, a cidade comia da mão de mulheres negras.

Muitas eram escravizadas de

ganho. Entregavam aos proprietários quase tudo o que faturavam, e ficavam com o restante. Com esse resto, compraram alforrias. A própria, a dos filhos, a de quem estivesse por perto. É possivelmente a coisa mais bonita que alguém já fez com um troco.

Nunca foi em paz. As quitandeiras eram acusadas de sujeira, de desordem, de atrapalhar a passagem. As palavras eram exatamente essas. Atravessaram a Colônia, o Império, a República e as sucessivas ondas de modernização da cidade na sua busca incessante de sepultar as tradições da cidade.

A Riachuelo
não se chamava Riachuelo. Era a Rua de Matacavalos, nome que vinha dos atoleiros que arrebetavam com os animais na travessia. Foi ali que Machado de Assis instalou a casa de Bentinho e de Capitu

Uma dessas mulheres chegou ao Rio em 1876, vinda de Santo Amaro da Purificação, com 22 anos e uma filha. Hilária Batista de Almeida. Montou tabuleiro no Centro, vestida de baiana, filha de Oxum, num tempo em que candomblé era caso de polícia. O Brasil viria a conhecê-la como Tia Ciata.

Da casa dela, na Visconde de Itaúna, ao lado da Praça Onze, saiu

“Pelo Telefone”, de Donga, registrado em 1916 como o primeiro samba. Ciata sempre disse que aquilo não tinha dono, que era criação coletiva. Tinha razão, e ninguém ouviu. Repare no detalhe: o samba nasceu do lado de um tabuleiro.

Em 2023, o Rio sancionou a Lei 10.157, que declara a produção e a venda de acarajé patrimônio de valor histórico e cultural do estado. Teve baiano enciumado com a Lei. Acusaram-nos de apropriação cultural. Mas a lei não estava tomando nada de ninguém. Estava reconhecendo, com uns quatro séculos de atraso, uma coisa que já estava na calçada, à vista de todos.

Porque é isso que o Rio faz. Perde tudo, mas insiste em guardar algo de valor. Derrubaram o Morro do Castelo inteiro. Derrubaram a Praça Onze para abrir uma avenida. E mesmo assim, numa calçada da Riachuelo, existe um homem fritando feijão-fradinho no dendê, a receita que atravessou o Atlântico no pior navio do mundo e chegou aqui inteira. Não sobrou muito do Rio antigo. Sobrou o suficiente.

Da próxima vez que você descer a Riachuelo, para. Come um. Dê boa noite ao seu Danilo. Você vai estar cumprimentando muito mais gente do que imagina.